

O FRANCISCANISMO: LUZES PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Porto Príncipe, quarta-feira de cinzas de 2023
Frei Aldir Crocoli, Capuchinho¹

1. INTRODUÇÃO

Antes de mais nada gostaria de parabenizar, nas pessoas de Irmã Inês e do Professor Marco Aurélio, a REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS pela caminhada formativa que está realizando. Percebe-se que há vigor nesta missão de educar para um futuro mais humano, ou melhor, para um futuro, de fato, humano.

A autêntica educação ultrapassa a transmissão de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades. A Inteligência Artificial poderá fazer todas essas coisas melhor do que nós. A REDE FRANCISCANA está comprometida em educar para a vida, para uma sadia convivência planetária. Já nas primeiras páginas, a Bíblia mostra que Deus colocou os seres humanos para “cuidar e cultivar” esse jardim (Gn 2, 15)², isto é, para uma convivialidade profunda também com nossa Casa Comum, para ajudá-la a se desenvolver como alteridade e não como nossa extensão.

Infelizmente a serpente do autocentramento se interpôs, virando as coisas de cabeça para baixo: simbolicamente a Bíblia diz que agora se precisa suar para ganhar o pão de cada dia (Gn 3,19), pois a terra fértil se fez deserto e os animais (e até os humanos) se tornaram inimigos. O paraíso, porém, não é saudade de um longínquo passado e sim o sonho de um futuro que pode ser construído. O paraíso da primeira página da Bíblia totalmente doado por Deus está conectado com o paraíso da última página do Apocalipse, a Nova Jerusalém, obra dos humanos. Por isso a validade das palavras de abertura do evangelho de Marcos: o Reino está próximo (Mc 1,15), isto é, “outro mundo é possível”! Este é o horizonte da REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS.

O ser humano vive de esperanças. É sempre o futuro que nos provoca e convoca. Mas esperar não é o esperar da loteria que só depende da sorte. É preciso “esperançar” (Freire, 2014), nas palavras de Paulo Freire. Sim, há a necessidade de construir a esperança de todos os modos possíveis e com a maior argúcia possível. É neste sentido que Jesus afirma que apenas os “violentos” o conquistarão; os “frouxos”, jamais. A REDE FRANCISCANA de Escolas está engajada nesse esperançar com todas as suas forças, como evidenciam os propósitos que assumiram. Trata-se, acima e antes de qualquer outra coisa, de forjar pessoas capazes de viver a universalidade com competência.

1 Frei Capuchinho. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (1973), graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977), mestrado em Teologia - *Pontificium Atheneum Antonianum* (1981) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), atuando principalmente nos seguintes temas: paz, cidadão, direitos humanos, democracia, pessoa humana, leprosos, realização humana, excluído, *kénosis*, História das Fontes Franciscanas, releitura das fontes, história do movimento franciscano, espiritualidade franciscana.

2 As referências à Sagrada Escritura seguem a Bíblia de Jerusalém (2002).

2. EDUCAR É DESENVOLVER O HUMANO

Na primeira impressão, a proposta para minha reflexão me pareceu um tanto imprecisa. Porém, logo me dei conta de que vocês estão acertando na mosca, por visarem uma educação para a vida, da qual o desenvolvimento intelectual é apenas uma das dimensões e, talvez, nem a mais decisiva. Se não entendo mal a REDE FRANCISCANA de Escolas não se engaja, prioritariamente, em repassar conhecimentos, mas sim “e-ducar” para a vida. Isto é, ela se autodesafia a “puxar para fora”, puxar do interior das crianças e jovens (fazer desenvolver) aquilo que mais caracteriza o ser humano.

O cultivo de valores torna a vida rica de sentido para si, para a sociedade e até para o planeta terra, para o qual somos a espécie mais perigosa. Sim, tudo está conectado, tudo interligado. Na figura de linguagem empregada pelo Papa Francisco, todos estamos no mesmo barco; é impossível salvar-se sozinho, nem como pessoa, nem como nação, nem como humanidade sem aprimorar nossas relações com os reinos animal, vegetal e mineral.

A atenção da REDE FRANCISCANA se volta para o ser humano, encarregado de cuidar e cultivar o grande jardim do mundo. Para ele poder realizar esta missão necessita ir além das forças ditas “naturais” (estímulo = resposta) que a Bíblia traduz como “olho por olho e dente por dente”. Que significa ir além das forças naturais? Significa romper a corrente do poder-violência suplantando o primeiro impulso; significa orientar-se por princípios e valores, a fim de viver segundo o projeto que o Criador estabeleceu tanto para nós quanto para cada elemento da natureza. O pecado de Adão e Eva foi a pretensão de se arvorar em “deuses”, em querer determinar o bem e o mal, em viver o projeto próprio e não o proposto por Deus. Nossa primeira vocação é viver a obediência ao projeto de Deus, ao lado e junto com todas as demais realidades que também têm seu projeto.

Por natureza somos seres “religiosos”, re-ligados a um ser superior. Um dos elementos que, de fato, caracteriza os humanos é a capacidade de reconhecer e adorar a um ser maior. Os animais fogem com medo diante de outro mais possante. Nós humanos temos a capacidade de reconhecer e adorar esse ser maior. Somente vivendo desde esse “genuíno lugar de criaturas entre as criaturas”, manifestaremos a verdadeira grandeza. Deus é essencial para nossa vida. Uma pessoa sem fé terá mais dificuldade para encontrar seu lugar na grande orquestra formada por todas as criaturas. Se falta Deus como guia, sentimos muito mais necessidade de ser grandes e importantes, esquecendo que somos simples criaturas.

Daqui decorre a primeira urgência a enfrentar: desenvolver adequadamente a dimensão espiritual inerente a todo o ser humano: a crença em um ser superior que ama, guia, protege e quer o melhor para todas as suas criaturas. Para isso, a REDE FRANCISCANA de Escolas envidará os melhores esforços para que se aprenda e cresça na oração, tanto comunitária quanto pessoal, pois ela é o espaço propício para o cultivo da relação de criaturalidade com o Criador e fraternal com todas as criaturas, pois todos nós temos a mesma origem, pensava Francisco de Assis.

Aqui no Haiti, mesmo sofrendo as piores contradições sociopolíticas, o povo se mantém de pé devido à fé. Há muitos veículos com a seguinte frase escrita no para-brisa ou no para-choque: DIEU AVANT TOUT, (Deus acima de tudo, Deus antes de tudo). E as igrejas (de todas as religiões) estão sempre lotadas.

3. RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIO E VALOR

Agora, antes de prosseguir, me permitam fazer um breve esclarecimento sobre a proposta da REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS. O que tem chegado a mim foi o tema: “Franciscanismo na atuação educacional: Luzes para uma educação transformadora. Para tanto, estamos realizando neste ano uma revisão de como estamos vivendo e assumindo os Princípios (Paz, Verdade, Justiça, Ética e Solidariedade) e os Valores (Confiança em Deus, Fraternidade, Espiritualidade, Diálogo, Respeito e Conhecimento) que foram definidos para serem testemunhados nas escolas franciscanas da SCALIFRA-ZN”. Parece não muito clara a distinção entre princípios e valores. Os que estão citados como princípios poderiam passar para a coluna dos valores, sem prejuízo de compreensão. Os princípios, assim o afirma o próprio termo, são mais amplos e fundamentais que os valores, precedem os valores. Os princípios são cabides onde se pode pendurar muitos valores.

São exemplos de princípios: a) nós os humanos, somos todos iguais (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948), independentemente da cor, sexo, condição social, cultura, idade, religião ... Neste princípio se aninham muitos valores, tais como: acolhida do diferente, o respeito, a compreensão, o diálogo, a justiça, etc; b) Todos os seres são irmãos. Aqui podem ser explorados os valores da fraternidade, o cuidado pelo outro, a solidariedade, a partilha, o serviço fraterno, etc; c) Somos esperança (Moltmann), estamos sempre em construção permanente. Todos, ao longo de toda a vida, somos ao mesmo tempo “formando e formador”. Este princípio é muito importante para as escolas; d) No planeta (para não dizer universo) tudo está interligado, todos estamos no mesmo barco: os seres humanos, animais, florestas, água ... Ou juntos nos salvamos ou todos morreremos. Há uma solidariedade entre nós que nos ultrapassa. A neutralidade é impossível; e) Ou ainda: toda a vida importa, seja de um inseto ou de um elefante, seja de um bilionário ou de um miserável, seja de uma espécie vegetal ou de um feto humano. Aqui podem ser cultivados o cuidado pelo meio ambiente e pelas coisas públicas; f) Jon Sobrino emprega o “Princípio Misericórdia” e, segundo Pagola, Jesus viveu o princípio da compaixão. Todo o princípio é uma chave de leitura para toda a realidade.

4. JESUS CRISTO, EDUCADOR?

Pelo que em geral constatamos, nossa dificuldade está em formar uma imagem adequada de Jesus, cujas pegadas também queremos seguir. Conhecemos muito pouco dele, para poder vê-lo desde sua totalidade. Como podemos seguir suas pegadas sem identificar os seus pés, diferentes de todos os demais? Quais são as coordenadas de sua vida? Nosso risco é de pegar um detalhe pelo todo, ou nos ater a um aspecto de menor importância, passando ao largo do que é mais fundamental.

Para isso pedimos a ajuda ao Padre José Antônio Pagola³, um teólogo espanhol, que fez uma belíssima síntese da proposta alternativa de Jesus Cristo. Conforme esse autor, o coração de Jesus se movia a partir do princípio da compaixão (misericórdia) com forte incidência em três direções (Pagola, 2013). Senão vejamos:

³ Não poderia deixar passar a oportunidade de sugerir a leitura do livro de Pagola (2013). Ajuda muito a entender a figura de Jesus Cristo no seu lado mais humano e próximo.

A Compaixão como princípio de atuação.

Jesus, o Deus que se despojou a divindade e se fez fragilidade humana. Não se preocupou com a observância das leis. Se o Antigo Testamento dizia “Sede santos como o Senhor nosso Deus é santo” (=sede puros) (Lv 20,7), no Novo Testamento Jesus troca a palavra santos por misericordiosos: “Sede misericordiosos como Deus é misericordioso” (Lc 6,36) Isso faz toda a diferença. Jesus entendeu que o que move o coração de Deus é a Compaixão, não a lei. Ele tem entranhas de misericórdia, age assim como uma mãe com seu filhinho.

Quando perguntado pelo que fazer para obter a vida eterna (a vida que dura sempre) respondeu com a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) que vê o caído; não se desvia como o sacerdote e o levita. Antes, aproxima-se cheio de compaixão, derrama o vinho (desinfetante) e o azeite de oliva (cicatrizante) (usados nas viagens ao lado do pão) e o conduz a um abrigo, pagando para cuidar dele. Não fala de religião, nem de oração, mas de compaixão. Da mesma forma a parábola do Juízo Final: salva-se quem deu de comer e beber, quem visitou doentes e presos, quem acolheu peregrinos e nus (Mt, 25, 31-46). É a compaixão que conduz o ser humano à vida verdadeira. E Jesus é conduzido pela compaixão para com todos, até por aqueles que o matam: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

A) A DIGNIDADE DOS ÚLTIMOS COMO META

A sociedade humana sempre teve a pretensão de viver em função dos mais abastados e poderosos, cercados de privilégios e direitos, enquanto o zé povinho vai definhando. E hoje não é diferente. Dizem os sociólogos que 1% da humanidade possui maior riqueza que os 50% mais pobres. E o abismo entre ricos e pobres vai se alargando ininterruptamente.

Jesus não estava preocupado em fundar uma nova religião, nem em aprimorar os ritos do culto no templo. Esteve poucas vezes na capital do país, pois cresceu e viveu na Galiléia, em meio àquelas pessoas consideradas impuras. Dedicou-se e privilegiou os pecadores, doentes, possuídos de espíritos maus, leprosos, mulheres e crianças. E, no final da vida, até tomou a firme decisão de ir a Jerusalém onde sabia que poderia ser morto como tentativa de mexer no ninho de onde provinham os males sociais que geravam tanto sofrimento no povo. O que lhe importava era que os últimos sentissem a indestrutível dignidade que os habita. Jesus vive a convicção de que não se construirá uma vida tal como Deus quer, senão libertando esses homens e mulheres de sua miséria e humilhação.

B) A ATUAÇÃO TERAPÊUTICA COMO PROGRAMA

A chave desde onde Jesus vive Deus e luta por seu reinado não é o pecado, a moral ou a lei, mas o sofrimento gerado pela falta da compaixão. Jesus não fez uma pregação para aprimorar a prática religiosa. Ele desencadeou uma “religião terapêutica” sem precedentes. Os discursos de Jesus são apenas uma das formas de anunciar a Deus. Jesus proclamava a Deus sobretudo curando, libertando as pessoas possesas e as doentes e devolvendo dignidade aos humilhados pelo sistema. Esta é a novidade. Jesus coloca em marcha um processo de cura tanto individual quanto social com esta intenção de fundo: curar, aliviar o sofrimento, restaurar a vida. Jesus está preocupado com esse objetivo. O quarto

evangelho colocará na boca de Jesus uma frase que diz tudo: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

E porque esta era uma verdadeira novidade na história, quando os discípulos de João Batista lhe perguntam se é ele o Messias, Jesus responde: “Os cegos veem, os coxos andam e os surdos ouvem; os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o evangelho (Boa Notícia). E feliz quem não se escandaliza por causa de mim” (Mt 11, 4-6). Não há dúvida; age-se em nome de Deus e como Deus, quando se luta contra o sofrimento. Abre-se caminho ao reino, quando se liberta as pessoas dos males. Por isso, a REDE FRANCISCANA, acima da transmissão de conhecimentos, estará atenta aos diversos tipos de sofrimentos de todos, participantes ou não de sua instituição, para aliviar seu sofrimento.

C) O PERDÃO COMO HORIZONTE

O que mais escandalizava os fariseus e doutores da lei era ver Jesus sempre na companhia das pessoas de má fama, reunido com aqueles e aquelas de quem todos queriam tomar distância: leprosos, doentes, possessos, prostitutas, enfim, impuros de todo o tipo. Diz que no Reino de Deus todos têm direito de sentar-se à mesa; não se exclui a ninguém. Nem lhes são feitas maiores exigências, porque Deus acolhe a todos. Ele é perdão e compaixão.

Se nos evangelhos encontramos Jesus repreendendo pessoas, essas são justamente os que se acham puros e merecedores do beneplácito de Deus. Sim o perdão é o horizonte, isto é, o espaço que possibilita gestar novas relações. Mas entenda-se bem: não se trata sobretudo do perdão a ofensas expressas tais como agressões ou injustiças. Trata-se da capacidade de acolher a todos os diferentes. Isso exige muita maturidade e muito vigor interno. Mas é isso que torna possível a convivência saudável, uma abundância de vida.

Então Jesus, o grande mestre, propõe um princípio – a compaixão - e três expressões diferentes da mesma: a dignidade dos últimos como meta; a atuação terapêutica como programa e o perdão como horizonte. Note-se que isso não é nada mais do que salvar e desenvolver o humano em nós. Para Jesus que rezava muito, o importante é defender e promover o antropológico que está em todos nós, isto é, o mais profundo em nós, o que nos caracteriza como gente.

5. O CONTRIBUTO DE FRANCISCO DE ASSIS

O tema desta nossa reflexão é o franciscanismo e a educação. Somos desejosos de poder agir como Francisco na REDE FRANCISCANA de escolas, convictos que ele tem algo a nos oferecer. É claro que Francisco nunca falou em educação nem fundou escola alguma. - Aliás, a título de curiosidade: ele disse que quem não sabia ler não deveria se preocupar em aprender (RB 10, 8). - Também o Papa Francisco o coloca como modelo de uma ecologia integral (Francisco, 2015) embora São Francisco nunca tenha sequer ouvido falar a palavra ecologia. Urge, então, olhar calmamente para ele com esta pergunta em nossa cabeça: no que e em que sentido Francisco pode contribuir com a educação? É sua vida como um todo que enviará raios de luz para nosso desafio educacional.

Francisco, de fato, é alguém que ensina pela vida mais do que com palavras e teorias. A vida dele foi um radical empenho em seguir as “pegadas de NSJC”. Dizendo assim ele está simplesmente usando

linguagem religiosa (era da cristandade) para dizer que é prioritário acima de tudo cuidar do humano, muito mais do que das capacidades intelectuais ou profissionais. Com estas Francisco nunca se preocupou. Teve, porém, um cuidado enorme para tudo aquilo que nos torna realmente humanos, agradáveis, construtores da paz e que poderíamos chamar de nosso antropológico, aquilo que nos constitui como humanos. A humanidade como um todo se deixou cooptar pelos contra valores da sociedade da competição e da eficiência, que geralmente conduzem à superficialidade, à dispersão e ao litígio, porque calcados na busca do poder e não do serviço. Estes contra valores são diferentes, ou melhor, opostos aos valores autênticos que fazem germinar e desenvolver aquilo que somos enquanto pessoas. Precisaríamos de muito espaço para melhor demonstrar esta tese. Na impossibilidade, vamos nos limitar a um pequeno, mas fundamental aspecto que interage com o que a REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS se propõe neste ano de 2024.

Nosso fundador não se destacou como cientista, nem como líder político e social, não fez grandes construções (nem pequenas, sequer). Sua maior preocupação foi com o humano, o antropológico que há em nós, criados à imagem e semelhança de Deus. Pleiteava um ser humano vivendo sua autenticidade. Em outras palavras, Francisco viveu valores. Ele se educou e buscou educar os companheiros na vivência dos valores que Deus, ao nos criar, colocou no profundo de nosso ser como embriões à espera de possibilidade de desenvolvimento. Esse processo é duro, difícil e exigente. Porém, extremamente gratificante e compensador. Por vezes não se é capaz de percebê-lo e, em outros momentos, se é acomodado demais, sem coragem para encetar esta viagem ao centro do verdadeiro humano que há em nós.

Sob esta ótica poderíamos percorrer todos os escritos de Francisco e constatar que sua proposta contemplava o desenvolvimento do ser humano, daquilo que nos caracteriza enquanto pessoas. Dentre todos os escritos há dois que se destacam nesta perspectiva. Em primeiro lugar as 28 Admoestações: são pequenos escritos que vão burilando a construção do antropológico em nós. Preferimos escolher um outro pequeno texto. Ele parece ter sido pouco valorizado até o presente. Como nem todos temos acesso fácil a ele, preferimos reportá-lo aqui. Trata-se da “Saudação às Virtudes”. Para Carlo Paolazzi, um especialista nos escritos de Francisco de Assis, tanto as Admoestações como a “Saudação às Virtudes” mostram um caminho à interioridade. Quer dizer, ao centro de nós mesmos. Também se poderia traduzir por “um Caminho à nossa humanidade”, ou um caminho à nossa identidade como seres humanos. Ou ainda, um caminho para a espiritualidade que visa conduzir à legítima humanidade que há dentro de nós e que a “e-ducação”, dentro de sua especificidade, visa desenvolver. Segue o texto em referência:

Ave, rainha sabedoria, o Senhor te salve com tua irmã, a santa e pura simplicidade. Senhora santa pobreza, o Senhor te salve com tua irmã, a santa humildade. Senhora santa caridade, o Senhor te salve com tua irmã, a santa obediência. Santíssimas virtudes todas, salve-vos o Senhor de quem vindes e procedeis. Não há absolutamente em todo o mundo nenhum homem que possa ter uma de vós sem antes morrer. Aquele que tem uma e não ofende as outras tem todas. E aquele que ofende uma não tem nenhuma e a todas ofende. E cada uma delas confunde os vícios e pecados. A santa sabedoria confunde a satanás e todas as suas malícias. A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo e a sabedoria da carne. A santa pobreza confunde a ganância e a avareza e os cuidados deste mundo. A santa humildade confunde a soberba e todos os homens que há no mundo e igualmente todas as coisas

que há no mundo. A santa caridade confunde todas as tentações diabólicas e carnis e todos os temores da carne. A santa obediência confunde todas as vontades próprias, corporais e carnis, e mantém o corpo mortificado para a obediência ao espírito e ao seu irmão e torna o homem súbdito e submisso a todos os homens que há no mundo, e não somente aos homens, mas também a todos os animais e feras, para que possam fazer dele o que quiserem, tanto quanto lhes for permitido do alto pelo Senhor. (Fontes Franciscanas, 1996, p. 166-167).

Quanta riqueza neste breve texto! Francisco, que se dizia ignorante e iletrado, vai longe em suas reflexões como nesta que está diante de nossos olhos. E preciso ler o texto medieval à luz da ciência contemporânea para melhor captar sua grande riqueza.

O texto está articulado em três partes, conforme cada parágrafo. A primeira parte trata das virtudes por duplas ou, se quisermos, evoca as virtudes que se coimplicam: uma reclama a outra como se fossem parecidas como irmãs gêmeas, mas com fisionomia própria. São três pares: sabedoria-simplicidade, pobreza-humildade, caridade-obediência. Na mesma ordem aparecerão na terceira parte.

Chama a atenção o modo de Francisco se expressar. A todas as virtudes atribui o adjetivo “santa” (exceção feita à sabedoria, adjetivada com a palavra “rainha”). As virtudes não são santas de altar de igreja. São santas porque provém de Deus e porque, quem as vive, age como Deus agiria, isto é, estará desenvolvendo sua identidade profunda. É como se Deus se tornasse presente através daquela pessoa, levando a ser o que realmente é. É como se a pessoa se tornasse uma encarnação de Deus. De fato, fomos criados à imagem e semelhança do Criador. Esta é a nossa vocação mais profunda, nosso antropológico verdadeiro.

Na segunda parte Francisco explicita o princípio norteador da reflexão: tudo está interligado. Aquele que tem uma virtude, tem todas; e aquele que ofende uma não tem nenhuma. O que quer dizer com isso? Que o ser humano é sempre uma totalidade única. A pessoa se parece a um organismo com muitos sistemas: digestivo, cardiovascular, respiratório, nervoso, urinário, muscular, ósseo ... todos igualmente essenciais e complementares. Ou ainda como o planeta terra com a água e as geleiras, as florestas e os biomas, o ar e os ventos, o frio e o calor, o reino animal e o vegetal, etc. Quando um desses sistemas padece, todo o organismo sofre, tanto em nós quanto no planeta. O bem-estar é o resultado do bom funcionamento de todo o conjunto, porque tudo está interligado. Assim para Francisco o antropológico profundo (nossa essência) é uma ampla e complexa rede de interconexões de valores dentro de nós, entre nós e de nós com o cosmos. Importa, então, considerar a instituição REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS como um núcleo dessas conexões, pequeno, mas que mexe com todo o complexo de relações.

Chama muito a atenção nesta segunda parte uma afirmação de Francisco: “Não há absolutamente em todo o mundo nenhum homem que possa ter uma de vós sem antes morrer” (a si mesmo, às superficialidades que o rodeiam e o tentam constantemente, assim como tentaram a Jesus durante quarenta dias = o tempo todo). Trabalhar o antropológico, o nosso ser humano legítimo, consiste em ir superando toda a forma de autocentramento e de dispersão, para viver desde a profundidade.

Na terceira parte, Francisco detalha o efeito de cada virtude (ou valor, ou postura existencial). No seu jeito de falar, cada virtude “confunde”, isto é, combate, derrota, destrói e elimina alguns “vícios e pecados” específicos. Assim, cada valor sufoca determinadas deformações humanas que impedem

viver o genuinamente humano que há em nós. Por brevidade, vamos acenar apenas à primeira e à última dessas seis “virtudes”.

A sabedoria é qualificada de modo diferente de todas as demais: ela é chamada de “rainha” e não de santa como todas as demais virtudes. O que há de especial nela? A nosso aviso, porque ela só existe ao lado das outras, como síntese e fundamento de todas. É impossível ser sábio sem ser simples, pobre, humilde, caridoso e obediente. Ela se sobressai, mas com as outras e não sobre as outras, a quem dispensaria e menosprezaria. Sábio é quem consegue viver a partir do núcleo antropológico essencial que é e não assentado em superficialidades ou exterioridades. A sabedoria tem a ver também com “sabor”, com a satisfação profunda que alguém sente quando consegue conformar seu viver ao seu antropológico profundo. Nada tem a ver com soma de conhecimentos; ela é a capacidade de discernir o sentido inerente nas coisas, vistas a partir dos olhos de Deus. É por isso que ela “confunde a satanás e suas malícias”, quer dizer, tudo o que deturpa o legitimamente humano.

E a obediência? Assim como a sabedoria, a obediência é qual síntese. Na virtude obediência Francisco se prolonga mais tempo. Se às anteriores Francisco fazia referência com uma ou duas linhas, à obediência ele dedica seis linhas. Só esse dado já chama a atenção. Com esta maneira de proceder está dizendo que o fundamental ao ser humano é aprender a ser submisso. Não se trata de cumprir ordens e regulamentos, nem viver sem autonomia e responsabilidade. Etimologicamente, obediência provém do latim “ob audire”, isto é, estar à escuta do mais profundo. Jesus Cristo foi o obediente por excelência. Viveu em tudo a vontade de Pai, com quem vivia unidade profunda. É a obediência que mantém nossas forças carnis “morti-ficadas” para obedecer ao espírito. Ela torna o ser humano súdito e submisso a todos e a tudo. Inverte a lógica da mentalidade hegemônica de sempre subir na vida, tornar-se sempre mais importante, rico, famoso, poderoso. Yuval N. Harari na sua obra “Homo Deus” defende a tese de que o ser humano tende a se tornar um pequeno Deus (Harari, 2016), no sentido do domínio absoluto sobre tudo e todos (o que pouquíssimos conseguirão; grande parte da humanidade é massa descartável).

Francisco, ao contrário, lembra a necessidade de obedecer até aos animais! Não se sentido que devemos deixar as cobras nos picarem e os leões nos devorarem, nem os mosquitos da dengue gerarem doenças em nós. Trata-se de ser submisso a eles no sentido conhecê-los e descobrir modos de fazê-los perder sua agressividade assim como os povos originários que conviviam em harmonia com as florestas e a fauna, sem agressão alguma. Importa ajudar a todos os animais a serem aquilo que são e não os obrigando a se sacrificarem para atender nossos caprichos e necessidades (quanto sofrimento nós humanos causamos aos animais domésticos, de mil formas!). Traduzindo em termos antropológicos a opção de Francisco pela obediência total ao Evangelho se poderia dizer que a obediência é a chave de leitura de toda prática de vida.

6. À GUIA DE CONCLUSÃO

O que podemos dizer como conclusão? O que eu apontar aqui, não sei se vai contribuir. Espero não atrapalhar. Constatamos que Jesus Cristo, nossa referência última, trabalhou o humano nele mesmo e em todas as pessoas que encontrava. Fez isso tanto quanto ensinar a praticar uma religião. Francisco de Assis, talvez devido à sua profunda espiritualidade, nos apontou a vivência das virtudes (valores)

como segredo da genuína construção humana e social. Tentemos aplicar isso ao modo franciscano de educar, missão desta instituição.

Vamos nos atrever levantar aqui algumas pequenas sugestões que podem ir ao encontro dos desejos e aspirações de vocês que se propõem trabalhar princípios e valores como REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS.

Se a “e-ducação” tem por meta a formação de pessoas integradas consigo mesmo e integradas na sociedade; se a “e-ducação” quer desenvolver o legitimamente humano muito mais do que transmitir conhecimentos, de fato, a ela convém dedicar atenção prioritária a essa dimensão, tendo-a como assunto de pauta em todos os encontros significativos da instituição.

a) A REDE FRANCISCANA DE ESCOLAS deverá dar atenção prioritária à dimensão humana, mais que a atenção dedicada à transmissão de conhecimentos. Isso poderá criar dificuldades com alguns integrantes da instituição, preocupados quase unicamente no conteúdo das disciplinas a transmitir (professores) ou a assimilar (alunos). E muito provavelmente será difícil convencer alguns pais de alunos que pensam para os filhos na direção da eficiência profissional e não no desenvolvimento da verdadeira identidade humana. É tarefa nada fácil convencer a todos dessa verdade que pode ser vivida sem prejuízo com a parte acadêmica.

b) Dentro desta opção pelo desenvolvimento do humano mais que pela transmissão de conhecimentos, a REDE FRANCISCANA poderá escolher um princípio para toda a escola e dentro dele alguns valores (dentre os acima apontados) para serem trabalhados por um determinado tempo. O valor pode ser diferente para cada série, conforme a necessidade de seus alunos. Mas importa que haja coisas concretas, reflexões, exercícios práticos para chamar a atenção daquele valor.

c) Ou a Instituição poderia ainda deixar totalmente livre a escolha do valor segundo a necessidade de cada sala de aula, podendo ficar com esse valor um mês, um bimestre ou um semestre, sem a preocupação de abordar todos os valores apontados. Sabemos que quem vive UM está implementando TODOS, da mesma maneira que quem ofende um valor, a todos ofende. Nesse caso precisa se encontrar meios para partilhar a nível de instituição o que cada sala de aula está fazendo para criar a consciência na instituição desta prioridade.

d) Por fim, uma sugestão de outros valores. Pensando um pouco em nossa realidade atual talvez se pudesse ter presente valores como: a honestidade e a coerência de vida (melhor forma de combater a corrupção que contagiou a sociedade), a obediência à verdadeira identidade humana e às normas sociais (para combater a vontade de poder), a pobreza no sentido de não aspirar ser rico (vida frugal) e a simplicidade até no vestir e nos objetos de uso (combate ao consumismo), a doação aos outros para a superação ao narcisismo, etc.

Bem minha gente, aí está o que tenho buscado com interesse. É o que está ao meu alcance. Lamento a falta a experiência prática de atuar numa instituição de ensino para crianças e jovens para refletir desde dentro da realidade. Paz e bem, fiquem com Francisco e Clara de Assis.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO. **Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 03 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 03 fev. 2023.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus**: aproximação histórica. Trad. Gentil Avelino Tilton. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FONTES FRANCISCANAS. **Escritos e biografias de São Francisco de Assis**. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1996.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Companhia das Letras, 2016.